

Zuenir Ventura e a edição de fascículos sobre a década de 1960: história e rememoração¹

Felipe QUINTINO²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O artigo tem o objetivo de reconstituir a história editorial dos fascículos *Os anos 60 – a década que mudou tudo*, publicados em 12 capítulos na revista *Veja*, da Editora Abril, de outubro a dezembro de 1969. Com a participação de colaboradores e pesquisadores, o material teve a edição do jornalista Zuenir Ventura, que pouco meses antes havia deixado a prisão no Rio de Janeiro e estava sem emprego quando recebeu o convite para este trabalho. A produção pode ser inserida no movimento da editora em aumentar a vendagem da revista, lançada em 1968. Descrito no anúncio como uma “obra gigantesca, de largo alcance histórico”, o projeto recebeu a atenção do serviço de buscas do Departamento de Ordem Política e Social (Dops). O trabalho apresenta esforço de rememoração, indicando um momento em que a publicação ofereceu sua versão do passado ao selecionar temas e histórias sobre os anos 60.

Palavras-chave: Zuenir Ventura; fascículos; *Veja*; década de 1960; rememoração.

As edições comemorativas e também aquelas com marcas de rememoração tiveram espaço na imprensa brasileira, em diferentes momentos históricos. Com assuntos abordados dos mais variados, tais publicações apresentam vestígios e indícios que podem ajudar a pensar como o jornalismo trabalhou com questões do passado (e suas relações com o presente e futuro) e do seu lugar diante dos acontecimentos ao longo do tempo.

Em seu estudo sobre as edições comemorativas, Matheus (2011) discute a contribuição do jornalismo para a percepção do tempo social e as múltiplas dimensões temporais abertas no cotidiano pelas narrativas jornalísticas. Segundo a pesquisadora, essas edições indicam momentos de autorreferenciação nos quais os jornais ofereceram sua versão do passado e projetaram expectativas de futuro. Nesse sentido, Matheus observa que o jornalismo é uma prática que oferece cotidianamente uma profusão de marcações temporais e “inscrito na história como ator – seja como vetor de progresso, defensor da tradição ou liderança modernizante” (p.219).

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e doutorando em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), email: felipe.quintino@yahoo.com.br

Este artigo aborda esse jogo e formas de articulação do tempo a partir da série de fascículos intitulada *Os anos 60 – a década que mudou tudo*, editada pelo jornalista Zuenir Ventura. O objetivo também é registrar a história editorial desses fascículos e contextualizá-los no ritmo de produção e planos da Editora Abril, responsável pela distribuição do material. Ao todo, foram 12 fascículos encartados na revista *Veja*, publicação da Abril, tendo o seu primeiro número na edição 57, de 8 de outubro de 1969. O último capítulo chegou aos leitores em 24 de dezembro de 1969, na edição 68.

A revista tinha pouco mais de um ano de fundação. Ao preço de capa de um cruzeiro e contendo publicidade em 63 páginas, *Veja* foi lançada em 11 de setembro de 1968, com 700 mil exemplares vendidos. Com um fundo vermelho, a primeira capa trazia os símbolos da foice e do martelo, com a chamada “O Grande Duelo no Mundo Comunista”. O leitor levou grátis, nesse número de lançamento, “um mapa gigante do Brasil”, produzido pelo departamento cartográfico da *Quatro Rodas*. Antes do lançamento, foram feitas edições experimentais. Os bonecos da capa previam que a publicação teria um nome com quatro letras. O projeto editorial e de fomento da revista, com informações de preço de capa, tiragem e número de publicidade por edição, foi intitulado de “Projeto Falcão”, preparado por Raymond Cohen e descrito na edição comemorativa do quarto ano de *Veja*.

A Editora Abril organizou curso de jornalismo em que selecionou futuros profissionais que trabalhariam na nova publicação. Foi feito anúncio, publicado em revistas do grupo, dizendo que a Abril procurava “homens e mulheres inteligentes e insatisfeitos, que leiam muito, sempre perguntam ‘por quê’ e queiram colaborar na construção do Brasil de amanhã”. No total, 1800 pessoas responderam e 100 foram chamadas para fazer o curso intensivo em São Paulo, durante três meses. Ao final, 50 foram incorporadas ao time da redação paulista, sucursais e departamento de documentação. Com a finalidade de promover a revista, foram organizadas duas festas de lançamento, que teve uma das maiores campanhas publicitárias da história da imprensa brasileira sob a responsabilidade da Standard Propaganda. A campanha incluiu a veiculação de um programa em rede nacional, no horário nobre, em que apresentava ao público as imagens da produção da revista e o trabalho dos repórteres. O slogan publicitário dizia: “o mundo está explodindo à sua volta e você não sabe por quê”.

No entanto, *Veja* passou por dificuldades financeiras e teve pouca vendagem no seu início de mercado. Os anunciantes também minguaram. O número dois da revista vendeu 300 mil. A edição 11 caiu para menos de 50 mil exemplares. Edições seguintes não

ultrapassaram a venda de 16 mil exemplares. O público leitor ainda estava fortemente influenciado e acostumado com as revistas ilustradas. A *Veja* tinha a proposta de ser uma semanal de informação, nos moldes da norte-americana *Time*. A campanha publicitária deu sinais de que viria uma revista semanal ilustrada concorrente da *Manchete*, da Editora Bloch, e não uma semanal de informação. Documentos³ internos escritos por funcionários mostraram o clima de dificuldade e apreensão.

Outro fato que ajuda a compreender esse cenário foi o efeito imediato da promulgação do Ato Institucional número 5, de dezembro de 1968, além da prática da censura⁴. A edição que teve o AI-5 como assunto da matéria principal (com o título “Revolução, ano zero”) foi apreendida nas bancas. A capa trazia a foto do presidente Arthur da Costa e Silva sozinho sentado no Congresso vazio, próximo a um quepe branco de almirante de esquadra. A Polícia Federal e o Ministério da Justiça consideraram a foto uma montagem, mas ela foi feita anteriormente na ocasião de uma visita de Costa e Silva ao Congresso.

Mineiro, o jornalista Carmo Chagas trabalhou no *Correio de Minas*, *Diário de Minas*, revista *Alterosa*, todos veículos com sede em Belo Horizonte. Em 1966, mudou-se para São Paulo, começou a atuar no *Jornal da Tarde* e, dois anos depois, fez parte da primeira equipe de *Veja*. Com passagens como editor de Brasil, de Artes e Espetáculos e redator-chefe, Carmo Chagas credita o fracasso inicial da revista ao despreparo e inexperiência dos profissionais da redação diante do desafio de lançar uma revista semanal

³ Em pesquisa de mestrado, Daniella Villalta recupera a história do surgimento de *Veja*, a partir do contexto de mercado de bens simbólicos. Sobre a dificuldade inicial da revista, ela cita documento “interno e confidencial”, de dezembro de 1968, em que Raymond Cohen e Domingo Alzugaray propõem algumas alterações e cortes que chamam de paliativos, como ter uma estimativa mais realista de circulação, aumento do preço da capa para NCr\$ 2,00, compensar os anunciantes no ano de 1969, redução de custos com transporte, salários da redação e encargos sociais, papel e contatos comerciais, dentre outros. O documento foi endereçado a Roberto Civita, então diretor de publicações da Abril.

⁴ A censura prévia na revista *Veja* ocorreu durante alguns meses em 1972 e entre 1974 e 1976. Edições foram retiradas das bancas, como a que trouxe informações do afastamento, por corrupção, do governador do Paraná Leon Perez. Nesse período, houve “10352 linhas cortadas, 60 matérias vetadas na íntegra, assim como 44 fotografias cortadas e 20 desenhos e charges” (MARCONI, 1980, p.84). Em lugar de matérias vetadas, a revista chegou a publicar ilustrações de diabinhos e anjinhos, uma tentativa de denunciar ao leitor a censura. Almeida (2009) analisou a censura nas laudas de *Veja*, além de como ela agiu nas matérias escritas pelos jornalistas e cartas de leitores. Foram analisadas 138 matérias proibidas, separadas pela pesquisadora em seis unidades temáticas: questões políticas, censura, questões sociais, questões internacionais, questões e econômicas e questões educacionais e culturais, além de subtemas. Constatou, por exemplo, que as semelhanças em relação aos temas específicos das matérias e das cartas proibidas foram grandes, como observou no subtema repressão política. Percebeu também que a censura agiu numa perfeita simbiose com os objetivos do governo militar, desmistificando a ideia de que a censura era imprevisível e arbitrária.

de informação no país. A idade média da redação era de 27 anos e não havia quase ninguém que tivesse feito uma revista nesse segmento.

Todo o primeiro ano de existência de *Veja* foi, para nós da redação, uma turbulência só. Para a empresa e para os anunciantes também. E pior, também para os leitores. Mas o nó cego estava mesmo na redação. Pela simples razão que nenhum de nós sabia fazer revista semanal de informação nacional. Víamos e revíamos o *Time*. Líamos e relíamos o *Newsweek*, com quem a Abril havia firmado acordo. Mas na hora de escrever não conseguíamos repetir a fórmula. Existia uma data para o lançamento da revista, primeira semana de setembro. E a gente não descobria o jeito de fazer o título, a legenda, o subtítulo, o texto, a chamada de capa. Se pelo menos desse para adiar o lançamento. [...] Passei doze anos na *Veja*, os doze primeiros anos da revista. Não sei dizer qual foi mesmo o fundo do poço, o menor número de vendas. De diferentes pessoas, inclusive gente da distribuição, ouvi números diferentes. Acho que o mais baixo foi 23 mil. Para um investimento como o que se fez para lançar a primeira revista semanal de informação nacional do Brasil, aquela quebra total de circulação representava uma catástrofe, um desastre, uma hecatombe. Entre jornalistas, normalmente, não se dá a devida importância à coragem e à firmeza da editora Abril nesse episódio (CHAGAS, 1992, p.70).

Segundo Almeida (2009, p.39), “o fracasso inicial da revista foi sentido arduamente pelo pessoal de publicidade” e, no ano de 1969, “a situação financeira de *Veja* era péssima”, tanto que “os boatos pelos corredores do prédio da Marginal eram que *Veja* estava com os dias contados”. A revista “levou seis anos para sair do vermelho” (CORRÊA, 2011, p.220). Durante esse período, os valores investidos na revista foram próximos a seis milhões de dólares (MIRA, 2001, p.119). Também houve demissão de jornalistas, em 1969, obrigando reformulações no modo de trabalho. A revista levou alguns anos para consolidar-se no mercado e “talvez não poderia ter sobrevivido se não tivesse por trás, a sustentá-la, um grupo econômico poderoso, como a Abril” (SILVA, 1991). Demais publicações do grupo, principalmente as de quadrinhos e fotonovelas, ajudaram a bancar a revista.

A estratégia de inclusão dos fascículos em *Veja* integra movimento da direção da empresa em levantar as vendas da revista, acrescentando também a decisão da venda por assinatura⁵, em 1971. As vendas começaram a dar sinais de melhoria quando a revista passou a ter o serviço de assinatura. Outras estratégias adotadas foram a introdução das

⁵ Jornaleiros do Rio de Janeiro e São Paulo não permitiam a venda de assinaturas de revistas. A maioria dos donos de bancas de jornais dessas cidades eram de italianos ou filhos de italianos. Segundo Gomes (2000, p.90), até o início dos anos 1970, o trabalho como jornaleiro “é visto como uma opção privilegiada para imigrantes italianos capaz de lhes garantir um padrão de vida razoável e sobretudo de colocá-los numa rede de sociabilidade maior, toda ela centrada no trabalho com o jornal”. Roberto Civita, da Editora Abril, fez reunião com os jornaleiros, em São Paulo e no Rio, pedindo a autorização deles para vender a *Veja* por assinatura. Em troca, prometeu que nos dez anos seguintes não venderia assinaturas de nenhuma outra publicação da Abril. O acordo foi fechado (CONTI, 1999, p.78).

entrevistas das “Páginas Amarelas”⁶, logo nas páginas iniciais, e a produção de um caderno de investimentos no final de cada número. O caderno veio em um momento de grande agitação do mercado de capitais.

De acordo com Pereira (2005, p.240), a Abril Cultural lançou, de 1968 a 1982, mais de 200 fascículos, livros e discos no mercado brasileiro, e boa parte do sucesso dos fascículos se deve à estrutura de distribuição da Editora Abril e das fortes campanhas publicitárias de divulgação. Desde 1961, a empresa contava com sua distribuição própria por meio da Abril Distribuidora. Algumas coleções em fascículos transformaram-se posteriormente em livros, o que aconteceu com *Os anos 60 - a década que mudou tudo*. O leitor recebia do jornaleiro uma capa para encadernar. Para Hallewell (2005, p.676), o comportamento do consumidor brasileiro médio de querer um livro bonito explica, em grande parte, o êxito da edição em fascículos, “que o comprador adquire na crença (ou esperança?) de que, ao completar o conjunto e mandar encaderná-lo, constitua um realce permanente em seu ambiente doméstico”. Nesse assunto, na avaliação do pesquisador da história editorial brasileira, a Editora Abril representa o grande nome por ter sido a pioneira. O primeiro empreendimento do grupo no mercado de livros aconteceu em 1965, com uma edição ilustrada da Bíblia Sagrada, em fascículos quinzenais, com o nome de *A Bíblia mais bela do mundo*. Vendeu 165 mil exemplares naquele ano.

O *Livro da Vida*, *Enciclopédia da Mulher*, *Ciência Ilustrada*, *Os Imortais da Literatura Universal*, *Enciclopédia do Automóvel* e *Gênios da pintura* foram alguns títulos publicados, por meio da rede de bancas de jornal. A publicação de *Os pensadores*, lançada em 1972 com 68 títulos, voltou ao mercado inúmeras vezes e a coleção vendeu mais de 4 milhões de exemplares. A maioria das coleções foi planejada para ser vendida em um período de cerca de dois anos, em 50 fascículos quinzenais ou 100 semanais. Em 1968, foram vendidos 60 milhões de fascículos pela Abril, total que voltou a ser alcançado somente em 1980 (HALLEWELL, 2005, p 679). Os fascículos deram à Editora Abril força no ponto de venda e, quanto maior era o sucesso do seu lançamento, mais a empresa ocupava espaço nas bancas, além do potencial de garantir a venda pelos jornaleiros durante o tempo que durava a coleção (CORRÊA, 2011, p.216).

Na década de 1970 e 1980, outras empresas também apostaram nos fascículos, como a Salvat, a Editora Três e a Rio Gráfica (era subsidiária do grupo *O Globo* e dirigida por Ângelo Rossi, ex-funcionário da Abril). Esse ritmo de produção pode ser entendido no

⁶ A escolha pelo amarelo nas páginas das entrevistas se deve ao fato de a Editora Abril ter, na ocasião, sobra de papel nessa cor.

contexto de crescimento da classe média e de criação de um “espaço cultural onde os bens simbólicos passam a ser consumidos por um público cada vez maior” (ORTIZ, 2006, p.83). Nesse cenário de desenvolvimento da indústria cultural, “proliferam as enciclopédias em fascículos, tipo Abril e congêneres, as coleções as mais variadas, do mundo animal à filosofia grega, da Bíblia às revistas especializadas” (HOLLANDA; GONÇALVES, 1980, p.11)

“Organizar a visão” do leitor

O então diretor de publicações e criador de *Veja*, Roberto Civita, teve a experiência em edição de fascículos e a usou para “ajudar a salvar a revista que era o maior sonho da sua vida” (CORRÊA, 2011, p.221). Formado em Jornalismo e Economia na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, e filho mais velho de Victor Civita, empresário fundador da Abril, Roberto Civita fez trabalho de conclusão de curso sobre a editora Curtis, com sede na Filadélfia e criada no final do século XIX por Cyrus Curtis. A Curtis editava as revistas *Saturday Evening Post*, *Ladie’s Home Journal* e *Country Gentleman*. Ao término do curso, Roberto consegue estágio na Time Inc, uma das maiores editoras de revistas no mundo que apostava na necessidade de informar de maneira concisa. Fundada em 1922, em Nova York, pelos jornalistas Henry Luce e Briton Hadden (dois jovens que se conheceram em Yale), a editora publica a *Time*, *Life*, *House and Home*, *Sports Illustrated* e outras revistas. No estágio, ele conheceu o funcionamento da Time, passando pelas áreas editorial, comercial, publicitária e logística. Com essa experiência, voltou ao Brasil, em 1958, com a vontade de lançar uma revista semanal de informação, mas, antes de o projeto se tornar realidade, atuou como diretor de publicidade da revista *Quadro Rodas* e como diretor da revista *Realidade*, lançada em 1966.

O primeiro fascículo em *Veja* foi sobre a história da viagem do homem à lua, com o título “A conquista da lua”, encartado a partir de junho de 1969 em oito capítulos, terminando com as fotos trazidas pelos astronautas da Apollo 11. Os fascículos sobre a década de 1960 foram o segundo. Com a distribuição de fascículos, “a revista deu um salto de 140 mil exemplares para 228 mil no número em que os astronautas chegam à lua pela primeira vez” (MIRA, 2001, p. 144). Enquanto os fascículos da história de década de 1960 iam às bancas, os livros do mercado editorial que chegavam às livrarias para venda, no mesmo período, eram *A engrenagem e a flor* (Editora Brasiliense), de José Gaiarsa,

América violenta (Editora Nova Fronteira), de Allen Drury, *O mensageiro* (Editora Nova Crítica), de Charles Wright, *20 horas de abril* (Editora Saga), de Joel Silveira, *A fonte de Israel* (Editora José Olympio), de James Michener, e *A Guerra conjugal* (Editora Civilização Brasileira), de Dalton Trevisan. Os dados de lançamento desses livros foram obtidos na coluna Livros, da própria *Veja*. Assinada pelo jornalista e crítico literário Léo Gilson Ribeiro, a coluna informava que o país encerrava a década de 1960 com mais de 20 mil títulos editados.

Nos três meses de publicação dos fascículos, os assuntos de capa da revista foram predominantemente de ordem política, como a doença do presidente Costa e Silva (substituído interinamente por três ministros militares), o processo sucessório⁷, a designação do general Garrastazu Médici na presidência, a escolha dos ministros, a reabertura do Congresso, aumento das ações dos grupos de esquerda e a prática da tortura no país. A edição da reportagem sobre as torturas (com a gravura antiga de um torturado na capa e o relato de torturas no Brasil, na matéria principal de cinco páginas) foi apreendida nas bancas.

No texto do anúncio sobre os fascículos da década de 1960, o projeto foi descrito como uma “obra gigantesca, de largo alcance histórico”. Em outro anúncio, o texto utiliza outras marcas temporais, com a seguinte chamada “Hoje você tem 10 anos a menos”. E seguiu dizendo: “Você está voltando 10 anos no tempo. Em 12 capítulos vamos lhe mostrar a história de uma década. Um gigantesco mural de uma das mais ricas e complexas épocas da humanidade. Da qual você participou. Por força da distância, a gente tem uma visão fragmentada do período, apesar de ter vivido nele. Este livro vai organizar a sua visão. É um livro de grande importância histórica e cultural. Uma obra digna do nível do leitor da *Veja*. Informação inteligente, lúcida e participante. Leia *Veja* todas as semanas. Colecione a década 60”. O texto, além de chamar para a leitura dos fascículos, revela certos enquadramentos do período retratado, mas a edição se propõe a “organizar a visão” do leitor, colocando assim o jornalismo como indispensável nesse olhar sobre o passado. O reconhecimento da visão fragmentada sugere o trabalho com fatias do passado, mas, por outro lado, confere espécie de atestado ao leitor sobre os acontecimentos daquele “gigante mural”.

⁷ As reportagens na revista *Veja* sobre o processo sucessório de Costa e Silva, desde o anúncio da sua doença à posse do general Garrastazu Médici, tiveram a participação dos jornalistas Raimundo Pereira, Armando Salem, Dirceu Brisola, Nelson Silva, Sebastião Gomes Pinto, Katsuto Matsumoto, Luís Gutemberg, Bernardo Kucinski e Elio Gaspari. Teve também ajuda das sucursais do Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre. As matérias publicadas por *Veja* durante o período do regime militar foram analisadas pela pesquisadora Juliana Gazzotti, em dissertação de mestrado. A pesquisa priorizou o comportamento de *Veja* diante das sucessões presidenciais e dos momentos marcados por crises internas.

No espaço da carta ao leitor, o jornalista Mino Carta, primeiro diretor da revista *Veja*, explicou que os fascículos tinham a intenção de “condensar os fatos e os personagens de uma década decisiva”.

E tome nota: nesta edição, *Veja* lança o seu segundo livro, “Os anos 60, a década que mudou tudo”. Doze capítulos – procure o primeiro nas páginas centrais deste número, os demais nas próximas, até o número de 24 de dezembro – compõem a obra, imaginada e projetada por Zuenir Carlos Ventura, jornalista carioca de larga experiência, e realizada pelo próprio Zuenir, na chefia de uma valente equipe de redatores e pesquisadores. Nesses doze capítulos pretende-se condensar os fatos e os personagens de uma década decisiva. “São dez anos em que o espírito humano construiu, destruiu e reconstituiu tudo: o nosso universo e as nossas medidas; o modo de vestir e de amar; os mitos e os valores; as crenças e incredulidade”, como escreveu Zuenir na introdução do livro. Pretende-se mais: isto é, mostrar o exato significado dos anos 60, o valor da herança que nos legaram, a medida e o alcance das esperanças e dos temores que nos rodeiam no momento de entrar nos anos 70. (CARTA, 1969, p.17).

Ao fazer essa apresentação, Mino Carta apontou essa edição como capaz de “condensar” os vários fatos e personagens do período. Além disso, o trabalho jornalístico ajudaria na explicação dos acontecimentos (“o exato significado dos anos 60”), mesmo que ainda muito próximo daqueles anos, e do seu possível reflexo no que estaria por vir, a década de 1970. Destaca-se também o próprio processo de construção da legitimidade de Zuenir para ficar à frente desse projeto. Zuenir tinha, na ocasião, 38 anos, e poucos meses que havia deixado a prisão no Rio de Janeiro. Bacharel e licenciado em Letras Neolatinas na Universidade do Brasil, onde foi aluno de Manuel Bandeira, Celso Cunha, Cleonice Berardinelli, entre outros professores, Zuenir havia trabalhado em *Tribuna da Imprensa*, *Correio da Manhã*, *Fatos & Fotos*, *O Cruzeiro* e revista *Visão*. No início da década de 1960, estudou jornalismo no *Centre de Formation des Journalistes*, em Paris.

Zuenir lembra que o convite para este trabalho partiu de Roberto Civita, em um momento que estava sem emprego, e que o enviou um plano com todas as direções e assuntos a serem abordados nos fascículos.

Foi o Roberto Civita. Ele queria que eu fizesse. Acho que o título inclusive é do Roberto Civita. Fiz um plano. Mandeí o plano para ele. Ele que decidiu tudo. Decidiu que sairia na *Veja*. Ele teve a ideia e me deu muita força. A Dorrit Harazim e a Norma Freire foram as duas que me ajudaram. Conheci a Dorrit nessa época. A feitura, a chamada cozinha da redação, foi da Dorrit e da Norma. Teve muita colaboração. Para cada setor, chamava-se alguém para escrever. Eu passei em São Paulo uns quatro meses e voltava no fim de semana. Ia para lá na segunda-feira e ficava até sexta. Estava sem emprego nessa época quando o Roberto me

chamou. Ficava no hotel em São Paulo. Era uma forma de estimular a venda da revista. Era esse o sentido da proposta do Roberto. (VENTURA, entrevista)

Lembradas por Zuenir na elaboração desse projeto, as jornalistas Dorrit Harazim e Norma Freire foram assistentes de execução desses fascículos. O jornalista Nilo Martins também participou nessa função, como registra o expediente. Os pesquisadores responsáveis pelo levantamento de dados sobre a década foram Cláudio Lachini, Octávia Yamashita e Tereza Linhares, com a ajuda do Departamento de Documentação. A diagramação foi de José Bigatti e Pedro de Oliveira. Também contou com equipe dos seguintes especialistas: Mino Carta (programação gráfica), Michel Cecílio (biologia), Sérgio Oyama (religião), Roberto Pereira (ciência), Newton Carlos, Ubirajara Forte (internacional), Leo Gilson Ribeiro, Léa Ancona Lopes, J. A. Dias Lopes (literatura e teatro), Tárík de Souza (música), Geraldo Mayrink (cinema), Harry Laus (artes plásticas), Aloysio Biondi (economia), Celso Ming (educação), Waldimas Galvão (esporte), Antonio Zago (artes) e Fernando Henrique Cardoso (sociologia). O material foi impresso em oficinas própria e nas da Sociedade Anônima Imprensa Brasileira (SAIB). Em texto do último capítulo dos fascículos, Zuenir agradeceu a equipe dizendo que, “sem estas contribuições e, sobretudo, sem a participação integral em todas as etapas do trabalho – da pesquisa à edição – de Dorrit Harazim e Norma Freire, a década terminaria sem o livro sobre ela”.

Todos os nomes da equipe e a descrição de cada capítulo foram citados em um registro de informação feito pelo serviço de buscas do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), com a referência de “publicação da revista *Veja*”. O documento é datado de fevereiro de 1972, dois anos depois do término desses fascículos. O alerta foi direcionado ao chefe da Seção de Buscas Especiais (SBE), Deuteronomio Rocha dos Santos. O termo “busca” era utilizado pelos órgãos de informações para indicar uma apuração feita por agentes operando isoladamente ou sob a direção de um principal.

Com a presente, cumpre-me informar a V.S^a que o semanário de Informação – revista “Veja” – uma publicação da Editora Abril Ltda, com sede e foro no Estado de São Paulo, capital, na Avenida Otaviano Alves de Lima, n^o 800, onde é impressa e distribuída com exclusividade no país, fez publicar, uma série de livros, denominados Edições Veja. Desta coleção, destaca-se, pela sua importância, o livro: “Os anos 60 – a década que mudou tudo”, contendo cento e quarenta e quatro (144) páginas, traduzindo um trabalho de pesquisa de dados sobre a década passada, mediante consultas de inúmera bibliografia, ilustrada por fotos dos

arquivos da Abril, AP, UBI, NASA, Agência NOVOSTI, revistas Newsweek Paris Match, Agência JB, O Estado de S. Paulo (Informação, 1972)

Ao lado do nome de Zuenir, o agente registrou: “fichado neste departamento, como elemento comunista infiltrado na imprensa”⁸. A denúncia de “infiltração comunista” tornou-se frequente durante a ditadura militar, atingindo vários setores, como administração pública, universidades e sindicatos.

Os textos dos fascículos, os usos da edição, as fotos escolhidas, o nome do próprio título e os anúncios de divulgação trazem o esforço de um processo de recordação dos anos 1960. Vários fatos, experiências e histórias da vida cultural, política e econômica foram citados, como a contestação dos jovens, o uso das drogas, a revolução sexual, o avanço da ciência, as produções culturais, a questão religiosa e o cenário internacional. Em seis capítulos, foi adotado o recurso da cronologia, em meio aos textos daquela edição. No capítulo 2 (“Os jovens na idade da contestação”), a datação começava em 1960, com informações sobre as manifestações estudantis no mundo. Esse capítulo também contou com um verbete explicando termos que os jovens brasileiros e de outras partes do mundo utilizavam. Alienado, barra, barricadas, coroa, enragé, guru, happening, high e trip foram algumas das palavras explicadas na seção chamada “A língua que eles falam”. O capítulo 6 (“A década das guerras permitidas”) utilizou a cronologia para mostrar diversos dados da Guerra do Vietnam, apontada no texto como a mais longa da década.

Além do registro dos acontecimentos, a publicação fez, em alguns trechos, interpretação dos fatos e remontou não só ao passado, mas também ao presente. No texto de apresentação, Zuenir apontava que os anos 60 apresentaram na “sua variedade uma constante que marcou toda a década: a coexistência dos contrários”. Com essa ideia, ele afirmou que “os anos 60 não são disto ou daquilo, mas disto e daquilo, insubordinados e rebeldes a um único rótulo. Aceitam todos para não se identificarem com nenhum exclusivamente. As etiquetas não servem mais como antes”.

Testemunha dos acontecimentos da década e, em alguns deles, também participante (o que pode ter motivado o convite para este trabalho dos fascículos), Zuenir formulou, como podemos notar, explicações sobre os eventos passados, participando, assim, de uma escrita da história por meio de um órgão de imprensa. Meneses (2014) defende a hipótese

⁸ Sobre os rastros do monitoramento ao jornalista Zuenir Ventura no período da ditadura, apresentei o artigo “Zueno, Zoany, Zwenir: a vigilância ao jornalista Zuenir Ventura durante a ditadura militar”, no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Foz do Iguaçu, em 2014.

que há a elaboração de uma escrita da história de forma sistematizada fora do próprio campo da ciência história através dos meios de comunicação, tanto em suas narrativas cotidianas, como por profissionais que se propõem à reflexão sobre os eventos passados.

Percebemos os fascículos editados por Zuenir como uma tentativa de lembrança dos acontecimentos, utilizando-se, nesse sentido, dos usos de várias marcas memoráveis, datações e cronologias. O material alia características de rememoração e comemoração, seja pelo seu potencial de dever de memória seja por mostrar elementos fundadores, heroicos e também dolorosos da década de 1960. Ao figurar nessa tentativa de recordação, a publicação da Abril chama o leitor, em algumas passagens do texto, a pensar o que aconteceu, a lembrar junto, como aconteceu no seguinte trecho:

Essa atmosfera de véspera de apocalipse envolveu-nos a todos por mais que mascarássemos as nossas reações. Fugimos para os paraísos artificiais das drogas, buscamos os prazeres totais, subvertemos os indícios aparentes dos sexos, arrebatamos a estética em busca de uma linguagem nova, enterramos formas de ontem e ressuscitamos o passado, criamos todos os meios de comunicação e de incomunicabilidade, alienamo-nos, participamos, marginalizamo-nos, dissemos que era preciso cantar e entramos na fossa, protestamos, contestamos, agredimos, gritamos, psicodelizamos, lutamos. Vivemos. Com uma intensidade jamais conhecida. (p.5)

Os sentidos da lembrança, do esquecimento, da relação entre história e memória e do lugar do passado nas tramas do presente foram objeto de investigação de vários autores e estudiosos. Ao explicar o conceito de *Eingedenken* (“rememoração”), do filósofo Walter Benjamin, Gagnebin (2014) destaca o seu caráter político, coletivo e de dimensão involuntária. As experiências humanas entram em cena nessa realização das recordações e lembranças, assim como a percepção de semelhanças e nexos. Evidenciando que a História não é apenas uma ciência, mas igualmente uma forma de rememoração, Benjamin ressalta, segundo avaliação de Gagnebin, uma dimensão da História como narração aberta que permite não encerrar a imagem do passado numa única ‘constatação’, mas modificá-la. Assim, permite a apreensão do passado pelo presente e, mesmo que esse passado tenha o caráter imutável, esse estatuto “se transforma quando os sujeitos históricos do presente dão ao passado uma outra interpretação e o transmitem” (GAGNEGIN, 2014, p.262).

Os jornalistas e colaboradores dos fascículos sobre os anos 1960, também sujeitos históricos e envoltos nessa elaboração de dar fisionomia para aquela década, participaram da interpretação e dessa transmissão dos nexos propostos na publicação. O caráter político

da recordação pode ser um dos motivos de explicação do registro dos fascículos pelos agentes do Dops.

Segundo Ricoeur (2007, p.73), com a rememoração, “ênfatiza-se o retorno à consciência despertada de um acontecimento reconhecido como tendo ocorrido antes do momento em que esta declara tê-lo sentido, percebido, sabido”. A marca temporal do antes constitui, de acordo com Ricoeur, “o traço distintivo da recordação, sob a dupla forma de evocação simples e do reconhecimento que conclui o processo de recordação”. Além dessas características, afirma que “certamente, o reconhecimento de uma coisa rememorada é percebida como uma vitória contra o esquecimento” (p.110).

Esse reconhecimento da situação lembrada ajuda a entender a recepção que os fascículos dos anos 60 tiveram entre os leitores. No número 61 (5 de novembro de 1969), a seção Carta de Leitores, local que publica correspondências enviadas pelos leitores à redação, nos quais fazem comentários, sugestões e críticas, foram publicadas três cartas sobre os fascículos. Mesmo com a ressalva de que são textos editados e escolhidos por profissionais do veículo, tais comentários sugerem alguns indícios importantes dessa relação entre os leitores e as realizações do mundo impresso. O leitor Benedito José Pontes Parente, de Sobral (Ceará), mandou “aquele abraço pela fabulosa publicação de A década de 60. Devo acrescentar que considero das melhores coleções até hoje publicadas pela Abril e pelas demais editoras de nosso país”. Francisco Gomes de Oliveira Filho, de Salvador, comentou ter “sido importante a edição A Conquista da Lua, agora o feliz lançamento de Os anos 60 – a década que mudou tudo. Na qualidade de constante leitor de Veja, peço que aceite sinceros parabéns”. Já Wandir Eduardo de Andrade, de São Paulo, dizendo “entusiasmado por tão eficaz desempenho” dessa coleção, sugeriu que publicassem “fotos coloridas em tamanho grande dos personagens célebres dessa década, para que, através dessa revista, se possa ter viva na memória a imagem dos homens (e mulheres) que ajudaram a mudar tudo”. Assim como o leitor Wandir que apontou o papel da coleção no trabalho de memória das ações dos personagens da década, a edição também caminhou neste mesmo objetivo: tornar-se perene e indispensável na explicação dos anos 60.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. **Veja sob censura: 1968-1976**. São Paulo: Jaboticaba, 2009.

CHAGAS, Carmo; MAYRINK, José Maria; PINHEIRO, Luiz Adolfo. **Três vezes trinta: os bastidores da imprensa brasileira**. São Paulo: Editora Best Seller, Círculo do Livro, 1992.

CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

GAZZOTTI, Juliana. **Imprensa e ditadura: a revista *Veja* e os governos militares (1968-1985)**. Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, 1998.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **História de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2005.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. **Política e literatura: a ficção da realidade brasileira. Anos 70**. Rio de Janeiro: Europa Empresa Gráfica e Editora Ltda, 1979-1980.

ISHAQ, Vivien; FRANCO, Pablo; Sousa, Tereza de. **A escrita da repressão e da subversão, 1964-1985**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012.

MARANHÃO, Carlos. O criador de *Veja*. **Edição Especial (Veja 2340)**, ano 46, setembro de 2013.

MARCONI, Paolo. **A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)**. São Paulo: Global, 1980.

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2011.

MENESES, Sônia. A operação midiográfica: da escritura do evento na cena pública à inscrição do acontecimento no tempo – a mídia, a memória e a história. In: DELGADO, Lucilia de Almeida

Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e as bancas de revista**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho D'Água; FAPESP, 2001.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAIXÃO, Fernando (coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

PEREIRA, Mateus H. F. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). **Em Questão**, Porto Alegre, v.11, n.22, p.239-258, jul. /dez. 2005.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

VENTURA, Zuenir. **Minhas histórias dos outros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

VILLALTA, Daniella. **Artesanato industrial na produção jornalística de 1968**: o surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira. Dissertação de mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, 1999.

Entrevista

Entrevista com Zuenir Ventura, Rio de Janeiro, 04/05/2016.